

## MÍDIA E MEDIATIZAÇÃO EM NOTÍCIA DE UM SEQUESTRO

### MASS MEDIA AND MEDIATIZATION IN *NEWS OF A KIDNAPPING*

**Amanda Arruda Venci**

Mestranda em Estudos de Linguagens pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná

E-mail: amanda.arruda93@gmail.com

**Marcelo Fernando de Lima**

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Paraná

Graduado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná

E-mail: marcelolima@utfpr.edu.br

### RESUMO

Partindo da ideia de que mídia e poder estão intimamente vinculados e de que os meios de comunicação sempre exerceram influência sobre diversos acontecimentos, moldando eventos através dos tempos, discute-se o conceito de midiatização a partir de *Notícia de um Sequestro* (1996), de Gabriel García Márquez. A obra apresenta o relato de um caso em que a mídia assume a posição de protagonista, tornando-se, de certa forma, um tema do livro. Dessa maneira, pretende-se discorrer sobre a importância de seu papel como elemento de negociação, manipulação e disputa de poder.

**Palavras-chave:** Comunicação. Literatura. Teoria da Comunicação. Midiatização. Tecnologia.

### ABSTRACT

Departing from the idea that the mass media and power are intimately linked and that they have always exerted influence on many occurrences, shaping events through the ages, we discuss the concept of mediatization in *News of a Kidnapping* (1996), by Gabriel García Márquez. It presents the report of a case where the mass media take the leading role, becoming, in a sense, a theme of the book. In this way, we intend to discuss the importance of its role as a negotiating element, manipulation and power dispute.

**Keywords:** Communication. Literature. Mass communication theory. Mediatization. Technology.

## 1 INTRODUÇÃO

Desde os seus primórdios, os jornais sempre foram adversários em potencial das diversas formas estabelecidas de poder. A luta pela democracia, pela liberdade de expressão, em favor dos direitos humanos, ganhou ênfase na mitologia do jornalismo e contribuiu para a construção de uma autoimagem de oposição, apesar de, na maior parte das vezes, os periódicos serem condescendentes com as ideologias dominantes (MCQUAIL, 2010, p. 29). Como acontece hoje, os jornais eram suscetíveis a se identificar mais com os leitores a quem se destinavam – isto é, já possuíam um público definido e eram escritos para ele. Havia ainda outro problema: logo após seu surgimento, não apenas uma minoria da população tinha acesso a eles, mas uma quantidade ínfima de pessoas sabia ler. De acordo com Denis McQuail (2010), com a criação da prensa de tipos móveis surgiram meios de comunicação independentes, e as autoridades religiosas e estatais reagiram com alarme, preocupadas com a possível perda de controle que isso representava e com a abertura de oportunidades para a divulgação de ideias novas e desviantes. Era a tecnologia que faltava para que a comunicação adquirisse uma definição social e cultural particular. Porém, ainda segundo o autor, o jornal não se tornou de fato um meio de “massa” até o século XX, no sentido de atingir diretamente a maioria da população com regularidade. “Sua inovação [*a do jornal do século XVII*] não consistia em sua tecnologia ou forma de distribuição, mas nas funções que desempenhava para uma classe específica, em meio a um ambiente social e politicamente mais liberal” (MCQUAIL, 2010, p. 28).

McQuail (2010, p. 42-3) também afirma que “[...] quanto mais um meio de comunicação se aproxima de operar como um meio massivo, mais se espera que atraia atenção de governos e políticos, já que pode afetar seu exercício de poder”. Em consonância com essa ideia, Douglas Kellner (2001, p. 64) reitera que a produção da mídia está “intimamente imbricada em relações de poder e serve para reproduzir os interesses das forças sociais poderosas, promovendo a dominação ou dando aos indivíduos força para a resistência e a luta”. Fica claro, portanto, que mídia e poder estão diretamente relacionados e, não raramente, as autoridades a dominam em determinado grau, se não completamente. É, por isso, um elemento de disputa. Não por acaso, a mídia em geral “expressa sobretudo a visão do mundo prevalecente nos blocos de poder predominantes, em escala nacional, regional e mundial, habitualmente articulados” (IANNI, 1999, p. 15).

Robert Darnton (2000, p. 1) estabelece que “sistemas de comunicação sempre moldaram eventos”. Assim, a mídia exerce influência sobre diversos acontecimentos. Stig Hjarvard (2012, p. 54) assevera que “a sociedade contemporânea está permeada pela mídia de tal maneira que ela não pode mais ser considerada como algo separado das instituições culturais e sociais”. Dessa forma, devemos “tentar entender as maneiras pelas quais as instituições sociais e os processos culturais mudaram de caráter, função e estrutura em resposta à onipresença da mídia” (*Ibid.*).

Hjavard (2012, p. 61) apresenta o conceito de midiatização, utilizado por ele “para caracterizar uma determinada fase ou situação do desenvolvimento global da sociedade e da cultura na qual os meios de comunicação exercem uma influência particularmente predominante em outras instituições sociais”. É preciso deixar claro, porém, que a midiatização não engloba todos os processos pelos quais os meios de comunicação influenciam a sociedade e cultura, mas “é aplicado exclusivamente à situação histórica em que a mídia alcançou de uma vez autonomia como instituição social e está interligada de maneira crucial ao funcionamento de outras instituições” (*Ibid.*, p. 60-61).

Tendo isso em consideração, *Notícia de um Sequestro* (1996) se apresenta como o relato de um caso em que a mídia assume a posição de protagonista sob diversos aspectos. Acaba por se tornar um tema do livro, pois aparece como fonte de poder tão grande quanto o estado e o narcotráfico. Dessa maneira, pretende-se, a seguir, discutir a importância de seu papel nas negociações entre os dois últimos e abordar como se tornou elemento principal de discussão, manipulação e disputa de poder no caso relatado.

## 2 NOTÍCIA DE UM SEQUESTRO

Nobel de Literatura de 1982, Gabriel García Márquez é considerado um dos escritores mais importantes do século XX. Autor de romances aclamados como *Cem Anos de Solidão* (1967), trabalhou como jornalista por anos antes de se envolver com a literatura. Assim, quando a ele foi proposto escrever sobre as experiências da influente jornalista Maruja Pachón durante seu sequestro de seis meses, aceitou, e como resultado foi publicado o livro-reportagem *Notícia de um Sequestro*, em 1996. Nessa época, a Colômbia já se via livre de Pablo Escobar havia três anos. A história anterior à sua morte, contudo, é longa e violenta. O que é narrado no livro expõe uma pequena parte de memórias que, sem a influência do narcotraficante, não teriam existido. Com a ambição de se tornar milionário até os 30 anos, Pablo Escobar se envolveu em diversas atividades criminosas antes de entrar para o narcotráfico. Foi com essa ocupação, porém, que atingiu seu objetivo e transformou-se em um dos homens mais ricos do mundo, além de um dos mais influentes da Colômbia. Mais de uma década depois de começar a administrar seus negócios, o país era destruído por guerras entre diferentes cartéis, e destes contra o governo. A luta de Pablo Escobar que resultou no sequestro de Maruja Pachón – e de outras nove pessoas – partiu do terror que os narcotraficantes sentiam diante da possibilidade de serem extraditados e julgados nos Estados Unidos, submetendo-se a penas muito maiores do que receberiam na Colômbia, além de dificultar a visita de seus familiares na prisão. A extradição tornou-se uma possibilidade devido a

um tratado assinado pelo governo do presidente Julio César Turbay (1978-1982). A situação ficou mais assustadora aos narcotraficantes depois da condenação, em 1987, do traficante colombiano Carlos Lehder. Após ser condenado por um tribunal americano à prisão perpétua a mais 130 anos, o governo colombiano começou a ser pressionado por Pablo Escobar para que o tratado fosse modificado.

Sem obter a atenção desejada para o caso, em 1990 o conhecido *El Patrón* começou a sequestrar jornalistas para chamar a atenção da opinião pública e forçar o governo a discutir a questão. Isso, é claro, sem se colocar oficialmente como mentor dos sequestros. Para tanto, criou um grupo chamado Os Extraditáveis, sob o qual se escondia para fazer suas manobras políticas ilícitas. Dom Pacho, uma figura importante do grupo com quem os sequestrados tinham contato de vez em quando, confirmou a informação para Diana Turbay, uma das vítimas. Segundo ele, “havia uma lista seleta de jornalistas e personalidades que seriam sequestradas à medida que isso fosse necessário para os interesses dos sequestradores” (MÁRQUEZ, 1996, p. 66). Maruja Pachón, juntamente com sua cunhada Beatriz, havia sido a última sequestrada, e o próprio Escobar, depois de preso, ofereceu uma explicação para tal ato: “Eu estava sequestrando gente para conseguir alguma coisa e não conseguia nada, ninguém conversava, ninguém dava importância, e assim fui atrás de dona Maruja para ver se conseguia alguma coisa” (*Ibid.*, p. 313).

Conforme mencionado previamente, a mídia assume um grande papel em todo esse jogo de poderes, uma vez que os sequestros são realizados para ela. Existem apenas a partir do momento em que ganham repercussão, à medida que são veiculados na televisão e nos jornais. Fora deles, não têm sentido, situação que fica evidente na fala de Escobar exposta no parágrafo anterior.

Darnton (2010, p. 102) declara que “quanto mais alto o status da vítima, mais importante é a matéria”. Essa ideia é reforçada pelo argumento de Denis McQuail (2010, p. 312), segundo o qual a mídia ocidental prefere noticiar eventos que envolvam ação pessoal. A notícia constrói-se em torno de políticos e celebridades. Os acontecimentos são contados a partir da ótica de heróis e vilões, de maneira quase maniqueísta, e geralmente os noticiários preferem publicar a opinião de “fontes qualificadas” sobre determinados eventos do que fazer o relato desses próprios fatos. Isso fica evidente na seleção dos sequestrados, que foram muito bem escolhidos justamente para gerar notoriedade. A propósito, os motoristas de dois jornalistas, mortos durante as operações, tão vítimas quanto eles, sequer ganham espaço nas notícias, a não ser com breves notas nos primeiros comunicados sobre o ocorrido. Como veremos a seguir, o grupo dos dez escolhidos pelos Extraditáveis tinham, todos, relações com a imprensa do país, e estavam ligados a nomes importantes, como ex-presidentes e o presidente da época, César Gaviria.

## 2.1 A ESCOLHA DOS SEQUESTRADORES E A COMUNICAÇÃO UNILATERAL DOS FAMILIARES

Conforme reportado anteriormente, o decreto que tornou legal a extradição de narcotraficantes para julgamento em outros países foi assinado pelo presidente Julio César Turbay. Não é grande surpresa, portanto, que o primeiro sequestro, no dia 30 de agosto, tenha sido o da jornalista Diana Turbay, filha do então ex-presidente e diretora do telejornal *Criptón* e da revista *Hoy x Hoy*. Além disso, Márquez (1996, p. 33) acrescenta que “junto com ela foram sequestrados quatro membros de sua equipe: a editora do noticiário, Azucena Liévano; o redator Juan Vitta, os cinegrafistas Richard Becerra e Orlando Acevedo, e o jornalista alemão residente na Colômbia, Hero Buss. No total, seis”.

Não muito tempo depois, a vítima foi Marina Montoya. Seu irmão, Germán Montoya, “havia sido secretário-geral da presidência da república, com grande poder no governo de Virgilio Barco” (*Ibid.*, p. 19), antecessor de César Gaviria. Após o fim do governo de Barco, Germán Montoya tornou-se embaixador da Colômbia no Canadá. Além disso, um dos filhos de Germán, Álvaro Diego, era gerente de uma importante companhia de seguros, e apenas nove meses antes havia sido sequestrado pelos traficantes para pressionar uma negociação com o governo. Segundo Márquez, “a versão mais corrente – nunca confirmada – foi de que o liberaram pouco depois por um acordo secreto que o governo não cumpriu” (*Ibid.*).

Depois do sequestro de Montoya, foi a vez do chefe da redação de *El Tiempo*, Francisco Santos, conhecido como Pacho Santos. Apenas quatro horas depois de Marina ter sido levada, Pacho foi cercado na zona oeste de Bogotá por um jipe e um Renault 18. Já encarcerado, com acesso à televisão, assistiu a um jogo de futebol de seu time e, pouco depois, viu-se no noticiário, “numa gravação de arquivo, vestido de *smoking* e rodeado por rainhas da beleza. Só então ficou sabendo da morte do seu chofer” (*Ibid.*, p. 41). É importante revelar que seria eleito vice-presidente em 2002, reeleito em 2006. Além disso, seu pai, Hernando Santos, também era jornalista, diretor do *El Tiempo*, e advogado.

Por fim, no dia 7 de novembro de 1990, deu-se o sequestro de Maruja Pachón e Beatriz Villamizar. Maruja era a vítima ideal para Escobar, visto que pertencia a uma família de intelectuais com várias gerações de jornalistas, enquanto ela, também jornalista, já havia sido premiada diversas vezes. Há dois meses era diretora da Focine, a companhia estatal de fomento cinematográfico, e Beatriz, sua assistente pessoal, cuidava na empresa de tudo que tivesse relação com a imprensa. Maruja também “era irmã de Glória Pachón, viúva de Luis Carlos Galán, o jovem

jornalista que em 1979 havia fundado o Novo Liberalismo para renovar e modernizar os deteriorados costumes políticos do partido liberal, e era a força mais séria e energética contra o narcotráfico e a favor da extradição de colombianos” (MÁRQUEZ, 1996, p. 20).

Ademais, Alberto Villamizar, marido de Maruja e irmão de Beatriz, era um conhecido político. Tinha relações políticas e pessoais muito boas com o presidente César Gaviria e com outras figuras importantes: “[...] pediu ajuda aos ex-presidentes Alfonso López Michelsen e Misael Pastrana e ao monsenhor Darío Castrillón, bispo de Pereira. Todos fizeram declarações públicas de repúdio ao método dos Extraditáveis e pediram a preservação da vida dos reféns” (*Ibid.*, p. 155). Finalmente, quase todos os filhos de Maruja “eram gente da imprensa. Alguns tinham programas de televisão com horários fixos, e os utilizavam para manter uma comunicação que supunham ser unilateral e talvez inútil, mas ainda assim insistiam” (MÁRQUEZ, 1996, p. 58).

Dessa forma, fica claro que a escolha dos sequestrados não foi aleatória. Como já exposto, o status das vítimas era importante para que o caso ganhasse notoriedade e fosse discutido na mídia. Juan Vitta e Hero Buss, cinegrafistas de Diana Turbay e, possivelmente, as menores peças para Escobar, perceberam o objetivo dos Extraditáveis ao ouvir a notícia do cárcere de Maruja e Beatriz: “[...] acharam que era a pior possível. Também eles haviam chegado à conclusão de que não passavam de extras num filme de horror. ‘Material de recheio’, como dizia Juan Vitta. ‘Descartáveis’, como lhes diziam os guardiães” (MÁRQUEZ, 1996, p. 73).

Segundo Ianni (1999, p. 27), “grupos, classes ou blocos de poder dispõem de influência mais ou menos decisiva nos meios de comunicação, informação e propaganda, isto é, na mídia eletrônica e impressa, sempre funcionando também como indústria cultural”. Dominando parte da mídia, o que possibilitou uma grande cobertura dos casos, os parentes dos sequestrados deram início a programações e notícias elaboradas especificamente para eles, de forma a mantê-los atualizados com o que acontecia do lado de fora e para não se sentirem esquecidos ou abandonados. Estabeleceram, dessa maneira, um diálogo com os encarcerados, mesmo que unilateral.

Maruja foi a maior privilegiada nesse sentido e, com ela, Beatriz. Numa menor intensidade, porém, Marina, Diana e Pacho também puderam se informar sobre seus sequestros e suas famílias por meio da televisão e de jornais. No início do cárcere de Pacho, por exemplo, ele lia diversas notícias sobre si na imprensa escrita, mas os relatos “eram tão desinformados e aleatórios que faziam seus sequestradores se contorcem de tanto rir” (MÁRQUEZ, 1996, p. 59). Após os sequestros, os pais de Diana e de Pacho passaram a se comunicar e, certa vez, pouco tempo depois, reuniram-se para ouvir a uma importante prova de que estavam vivos:

Tratava-se de uma fita cassete que chegara à casa do doutor Turbay, despachada por correio em Montería, com uma prova de sobrevivência de Diana e de seus companheiros, que a família havia pedido com insistência fazia várias semanas. A voz era inconfundível: *Papai, é difícil enviar uma mensagem nestas condições mas depois de pedir muito nos deram permissão*. Só uma frase dava pistas para ações futuras: *Vemos e ouvimos notícias permanentemente*. (MÁRQUEZ, 1996, p. 95).

A partir desta revelação a situação mudou. No caso de Pacho, por iniciativa de sua esposa, Maria Victoria, o jornal *El Tiempo* passou a publicar notas particulares só para ele, sem disfarces, em suas páginas editoriais. Em uma determinada semana, já deprimido, cogitou se suicidar. No dia seguinte, leu na coluna semanal do padre Alfonso Llanos Escobar um recado dirigido a ele, no qual esse ordenava em nome de Deus que nem pensasse em suicídio. Outro caso relatado refere-se ao fim do sequestro, quando o padre García Herreros, peça importante para as negociações finais, visitou Mariavê para lhe dar a notícia confidencial de que seu marido seria libertado em breve. “Para celebrar fizeram fotos do padre com Mariavê e com as crianças e as publicaram sábado em *El Tiempo* com a esperança de que Pacho as entendesse como uma mensagem pessoal. E assim foi: no mesmo instante em que abriu o jornal em sua cela de cativo, Pacho teve a revelação nítida de que as gestões do padre haviam culminado” (MÁRQUEZ, 1996, p. 278). Enquanto a presença constante em noticiários trazia conforto para alguns, para outros a súbita ausência de sua imagem na televisão levava ao desespero. Marina Montoya, por exemplo, tida como morta, parou de aparecer em jornais de uma hora para outra, o que a levou a um grau mais profundo de depressão e desesperança.

Além disso, houve a mobilização de Nydia Quintero, ex-primeira-dama e mãe de Diana:

Havia organizado a ocupação dos noticiários de rádio e televisão em todo o país por grupos de crianças que liam um apelo para que os reféns fossem libertados. No dia 19 de outubro, “Dia da Reconciliação Nacional”, ela conseguiu que houvesse missas ao meio-dia nas cidades e municípios para rogar pela concórdia entre os colombianos. Em Bogotá o ato aconteceu na praça Bolívar, e na mesma hora houve manifestações de paz com lenços brancos em numerosos bairros e acendeu-se uma tocha que se manteria acesa até o regresso dos reféns sãos e salvos. Por gestão dela os noticiários da televisão iniciavam suas transmissões com as fotos de todos os sequestrados, fazia-se a conta dos dias de cativo e iam retirando os retratos correspondentes à medida que eram libertados. Também por iniciativa dela era feito um chamado pela libertação dos reféns no começo dos jogos de futebol em todo o país. A rainha nacional da beleza em 1990, Maribel Gutiérrez, iniciou seu discurso de agradecimento apelando pela libertação dos sequestrados (MÁRQUEZ, 1996, p. 96-97).

No caso de Maruja e Beatriz, Alberto Villamizar, por conhecer antecedentes de sequestrados que eram autorizados a escutar rádio e ver televisão, desde o início partiu do princípio de que as duas poderiam ouvi-lo ou assisti-lo. Assim, apenas nos dois primeiros dias apareceu oito vezes em noticiários de televisão, com a certeza de que sua voz chegaria a elas. Alexandra, filha de Maruja, buscou abordar em seu programa temas que seriam úteis às duas. No

primeiro, recebeu como convidado o psiquiatra Jaime Gaviria, que “deu uma série de instruções sábias para manter os ânimos em espaços fechados. Maruja e Beatriz, que conheciam o doutor Gaviria, compreenderam o sentido do programa e prestaram atenção em seus ensinamentos” (MÁRQUEZ, 1996, p. 58). Essa não foi a única edição da qual o psiquiatra participou:

Este foi o primeiro de uma série de oito programas que Alexandra preparou usando como base uma longa conversa com o doutor Gaviria sobre a psicologia dos sequestrados. A primeira providência era escolher os temas que agradassem a Maruja e a Beatriz, e misturar neles recados pessoais que só elas pudessem decifrar. Alexandra decidiu então levar toda semana um personagem preparado para responder a essas perguntas intencionais que sem dúvida suscitariam nas refêns associações imediatas (*Ibid.*, p. 58-59).

A partir de então, boa parte dos programas semanais de Alexandra foram dedicados ao bem-estar de sua mãe. No Natal, por exemplo, um programa especial foi feito mostrando toda a família de Diana, Maruja e Beatriz reunidas para a ceia. Oferecia, também, aulas de ginástica para espaços reduzidos. Após a liberação de Beatriz, apresentou uma entrevista de meia hora “na qual ela contou tudo que Maruja queria saber: como tinha sido solta, como estavam seus filhos, a casa, os amigos – e que esperanças de ser solta ela podia manter” (MÁRQUEZ, 1996, p. 192). O programa era feito com todo o tipo de detalhes, “para que Maruja entendesse que a ordem em que ela havia deixado a casa permanecia intacta. Tudo isso, por frívolo que possa parecer, tinha um sentido estimulante para Maruja: a vida continuava” (*Ibid.*).

Todo esse universo midiático particular no qual os sequestrados e seus familiares estavam inseridos demonstra como, em consonância com Gurevitch (1991, p. 185 *apud.* Ianni, 1991, p. 16), “a televisão não pode mais ser considerada (se alguma vez o foi) como mera observadora e repórter de eventos. Está intrinsecamente encadeada com estes eventos e tem se tornado claramente parte integral da realidade que noticia”. Além disso, Patrick Charaudeau (2006, p. 212) afirma que “os gêneros de informação são o resultado de um entrecruzamento das características de um dispositivo, do grau de engajamento do sujeito que informa e do modo de organização discursivo que é escolhido”.

Nesse caso, o grau de engajamento do sujeito que informa é um ponto essencial porque ele não apenas está diretamente ligado ao caso, por ser parente das vítimas, mas é também figura midiática importante, que detém poder naquele espaço. Ademais, para Charaudeau há três desafios “presentes na construção de qualquer gênero de informação: um desafio de visibilidade, um desafio de inteligibilidade e um desafio de espetacularização” (*Ibid.*). O objetivo das famílias era comunicar-se com seus entes encarcerados, é claro, mas também mantê-los constantemente em

evidência. Para isso, era preciso chamar a atenção do público, e aí revela-se, segundo Ianni (1999, p. 19), “um problema fundamental da relação entre a mídia televisiva e a política: muito do que é a política revela-se espetáculo, entretenimento, consumismo, publicidade”.

Álvaro Vieira Pinto levanta uma questão importante no que se refere aos detentores de poder da mídia:

Por trás do aparelho, do filme, do jornal, dos figurantes e faladores, está o outro homem, o proprietário ou comandante do processo informativo, o verdadeiro personagem fantasma, mas nem por isso menos real, com o qual se defronta sem percebê-lo, conforme é da natureza dos genuínos fantasmas, o pacífico, e quase sempre ingênuo leitor, ouvinte ou assistente. Esta situação é buscada intencionalmente, não apenas porque permite desculpar a classe detentora dos meios de informação, como porque substitui por uma relação impessoal, mecânica, óptica ou auditiva, a relação humana real, que, caso fosse reconhecida, no caráter de meio de dominação mental, exporia os exploradores da comunicação e o séquito de seus ideólogos à identificação e desmascaramento pelas massas. (PINTO, 2005, pp. 491-492).

É relevante ter isso em mente devido à importância dada a poucos personagens dessa história, enquanto outras vítimas, tais quais membros da equipe de Diana, ou mesmo as dezenas de pessoas mortas semanalmente por crimes relacionados aos cartéis (explosões de prédios não eram incomuns, por exemplo), eram ignoradas. A decisão do que vai ou não ter destaque no noticiário, quais personagens serão ou não evidenciados, está relacionada a um conjunto de valores e critérios de seleção definidos principalmente de acordo com o perfil dos veículos de comunicação, do público e de seus profissionais. São os valores-notícia (*new values*), que são “[...] referências claras e disponíveis a conhecimentos compartilhados a respeito da natureza e dos objetos das notícias, referências que podem ser utilizadas para facilitar a elaboração complexa e rápida dos noticiários” (WOLF, 2010, p. 203).

Apesar de variarem em diferentes meios e produtos midiáticos, alguns valores-notícia se firmaram aos olhos do público por força da tradição da imprensa prestigiosa, que teve um grande papel na formação das identidades nacionais ao longo da modernidade, construindo uma espécie de comunidade imaginária que partilha preocupações supostamente nacionais (ANDERSON, 1991). Um desses valores-notícia diz respeito à importância do acontecimento e o grau de prestígio das pessoas, instituições ou países envolvidos, principalmente quando se trata de temas relacionados à alta hierarquia dos governos (WOLF, 2010, p. 208-209). Dessa forma, atentados supostamente terroristas, sequestros envolvendo políticos ou jornalistas, prisões de operadores de esquemas de corrupção envolvendo governos são temas tratados pela mídia como de interesse de uma comunidade nacional. Por atingir amplo interesse, muitas vezes esses episódios passam a ser alterados com vistas à própria lógica de operação da mídia. Nesses casos, tornam-se um processo de midiaticização, passando a existir em função dos formatos dos produtos midiáticos.

Para Hjarvard (2012, p. 54), o “conceito de midiaticização revelou-se produtivo para a compreensão de como a mídia se difunde para, se confunde com e influencia outros campos ou instituições sociais, tais como a política (Strömbäck, 2008) e a religião (Hjarvard, 2011)”. *Notícia de um Sequestro* retrata perfeitamente essa relação mesclada entre mídia e política, e como uma serve para dar suporte à outra. A dramatização e espetacularização produzidas eram o que Escobar buscava desde o início para ganhar espaço na mídia, uma vez que só assim alcançaria o objetivo de discutir a extradição em uma esfera política. Todos os contatos dos parentes mantidos com os sequestrados através de programas de televisão, notícias de jornais etc. colaboraram para que a mídia funcionasse como um instrumento importante para que atraísse a atenção do público e das autoridades.

## 2.2 A MÍDIA COMO FERRAMENTA DE ESCOBAR

Logo após o momento do sequestro, Maruja e Beatriz foram informadas de que se tratava de uma operação militar. Segundo os responsáveis, “nós só as trouxemos aqui para que levem um comunicado ao governo” (MÁRQUEZ, 1996, p. 15). Com isso, tendo conseguido atenção da mídia, Escobar também pôde utilizá-la a seu favor através de seus próprios comunicados.

No dia 12 de novembro houve outra confirmação de viés, por uma carta dos Extraditáveis para Juan Gómez Martínez, diretor do jornal *El Colombiano* de Medellín, que havia intercedido várias vezes junto a Escobar em nome dos Notáveis. “A detenção da jornalista Maruja Pachón – dizia a carta dos Extraditáveis – é uma resposta nossa às torturas e sequestros efetuados na cidade de Medellín nos últimos dias por parte do mesmo organismo de segurança do Estado muitas vezes mencionado em comunicados anteriores nossos.” E manifestavam mais uma vez sua determinação de não libertar nenhum refém enquanto aquela situação perdurasse (MÁRQUEZ, 1996, p. 46-47).

A partir de seus comunicados, Escobar se colocou de certa forma na posição de vítima, principalmente ao defender parte da população mais pobre que sofria pela repressão do estado e era torturada, sequestrada ou mesmo assassinada por policiais – normalmente em sua busca por traficantes maiores. Com isso, “Pablo Escobar havia conseguido uma credibilidade que as guerrilhas jamais tiveram em seus melhores dias. As pessoas chegaram a crer mais nas mentiras dos Extraditáveis que nas verdades do governo” (MÁRQUEZ, 1996, p. 147). Difícil deixar de lado a posição explícita de Márquez a favor do governo. A ideia aqui, claro, não é defender uma poderosa quadrilha de criminosos, mas é preciso entender que as relações, como em qualquer outra esfera, não são tão unidimensionais entre certo e errado.

A dramatização também foi um recurso utilizado por parte dos Extraditáveis para chamar a atenção do público. Para defender mais uma vez o motivo do cárcere dos jornalistas, publicaram que um homem, David Ricardo, tido como morto em combate contra a polícia, na verdade havia sido metralhado fora de combate diante dos filhos pequenos e da esposa grávida. “Sobre seu irmão Armando, o comunicado assegurou que sua morte tampouco tinha sido em combate, como disse a polícia, mas assassinado numa chácara de Rionegro, apesar de estar paralítico como consequência de um atentado anterior. A cadeira de rodas, dizia o comunicado, era vista com clareza no noticiário da televisão regional” (MÁRQUEZ, 1996, p. 154). Ao sequestrar pessoas notórias, que já tinham seu espaço na mídia, Escobar ganhou voz e pôde expor o caso de diversas outras vítimas que, não fosse por isso, nunca ganhariam algum destaque. Essa jogada foi muito importante para que a população sentisse confiança no narcotraficante.

Apesar disso, ele também fazia ameaças quando considerava necessário, como a de que começaria a assassinar reféns. Sobre isso, Maruja teve acesso a uma informação importante. Após ter pedido a um dos chefes dos Extraditáveis para que recebesse uma carta de seu marido, obteve uma com um recado inesperado no verso, do próprio Escobar:

“Eu sei que isto foi terrível para a senhora e para a sua família, mas minha família e eu também sofremos muitíssimo. Mas não se preocupe, eu lhe prometo que, haja o que houver, não acontecerá nada com a senhora” E terminava com uma confidência marginal que Maruja achou inverossímil: “Não dê importância aos meus comunicados à imprensa que são só para pressionar”. (MÁRQUEZ, 1996, p. 241).

O também chamado Senhor do Tráfico sabia jogar com a imprensa, e aproveitava qualquer oportunidade que tivesse para usá-la como redenção. Tudo o que fazia era, aparentemente, justificável. Já no final das negociações, a ideia de Escobar era se render à polícia, sob certas condições que incluíam, por exemplo, sua proteção e a de sua família. Maruja, discutindo a questão com um dos empregados que a vigiava, afirmou que se Escobar não pensasse em ficar pelo menos 14 anos na cadeia, não acreditava que o governo aceitaria sua rendição. Ao ouvir isso, o empregado sugeriu que ela escrevesse uma carta ao “patrão”, e ela o fez.

Em termos simples agradeceu a Escobar pela segurança que suas palavras haviam dado a ela. Disse que não tinha sentimentos de vingança contra ele ou contra os que estavam encarregados de seu sequestro e agradeceu a forma digna com que tinha sido tratada. Esperava que Escobar pudesse amparar-se nos decretos do governo para conseguir um bom futuro para ele e seus filhos no país. Por último, com a mesma fórmula que Villamizar havia sugerido em sua carta para ela, ofereceu seu sacrifício pela paz da Colômbia. (MÁRQUEZ, 1996, p. 247-248).

Uma carta de confiança escrita por uma das principais sequestradas era a oportunidade ideal para mostrar ao público como, mesmo em uma situação longe da ideal, Escobar conseguia ser benevolente, de alguma forma. Portanto, distribuiu a carta à imprensa.

Darnton (2010, p. 89) afirma que “os jornalistas têm pouco contato com o público em geral e não recebem quase nenhum retorno dele”. Dessa forma, “o noticiário corre em circuitos fechados: é escrito sobre e para as mesmas pessoas, e às vezes em código privado” (*Ibid.*, p. 92). Corroborando essa ideia, Pierre Bourdieu chegou a nomeá-la circulação circular da informação, ou seja, o fato de a mídia utilizar como principal fonte de seu noticiário a própria mídia e não os eventos, formando um círculo vicioso (BOURDIEU, 1997). Essa lógica guiou os movimentos dos jornalistas parentes dos sequestrados, e por esse motivo, talvez, apesar da espetacularização como forma de prender a atenção do povo, perderam um pouco a confiança do público se comparado a Escobar. Apesar de se dirigir constantemente ao governo e ter esse diálogo como objetivo principal, ele também teve o cuidado de comunicar para o povo em diversas oportunidades, dando a impressão de que em vários momentos falava por ele, como se fizesse e buscasse justiça às muitas vítimas da guerra entre o narcotráfico e o estado.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Darnton (2000, p. 1) declara que uma notícia não é algo que “aconteceu ontem ou semana passada, mas uma história sobre o que aconteceu. É um tipo de narrativa, transmitida por tipos especiais de meios de comunicação”. Assim, entrando em consonância com a ideia de Charaudeau (2006, p. 39), “comunicar, informar, tudo é escolha”. O autor sustenta essa afirmação acrescentando que não se trata apenas de uma escolha de conteúdos ou de formas adequadas para falar bem e ter clareza, mas de uma “escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, escolha de estratégias discursivas” (*Ibid.*). Para atrair mais o telespectador ou leitor, tudo acaba tendendo “a basear-se nas linguagens, recursos técnicos, teatralidade e encenação desenvolvidos pelos programas de entretenimento” (IANNI, 1999, p. 18).

Dessa maneira, a comoção pública é gerada a partir da utilização da mídia como ferramenta favorável para todos os lados. Escobar, como descrito acima, soube utilizá-la não apenas para ganhar atenção de um grande público e de autoridades, mas para justificar seus atos injustificáveis – conquistando, de maneira impressionante, a confiança da população em diversos momentos. Os familiares, por sua vez, compartilharam sua dor com a população, tentando torná-la

parte do que ocorria. O governo, enfim, buscava deslegitimar Pablo Escobar e chegar a um consenso, dentro da legalidade, para a libertação dos sequestrados. Tudo acontece na mídia, para a mídia, pela mídia. O resultado, portanto, foi que

os meios de comunicação passaram a estar integrados às operações de outras instituições sociais ao mesmo tempo em que também adquiriram o status de instituições sociais em pleno direito. Como consequência, a interação social – dentro das respectivas instituições, entre instituições e na sociedade em geral – acontece através dos meios de comunicação (HJARVARD, 2012, p. 64).

Além disso, a mídia está profundamente vinculada ao poder, e ajuda-nos a “confrontar nossa visão de mundo, a opinião pública, valores e comportamentos” (KELLNER, 2001, p. 54). *Notícia de um Sequestro* apresenta uma situação inequívoca na qual a mídia é utilizada como ferramenta para a realização de uma atividade – as negociações através dos sequestros, nesta situação –, e é uma das influências diretas no desfecho do caso, tendo em vista seu papel de intermediária e protagonista através do uso que dela foi feito. Não é um mero instrumento de apresentação ou reprodução de imagens e conceitos, mas também de construção e manipulação.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Imagined communities**: reflections on the origin and spread of nationalism. Londres/Nova Iorque: Verso, 1991.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- CHARAUDEAU, Patrick. **O Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- DARNTON, Robert. An Early Information Society: News and the Media in the Eighteenth-Century Paris. **The American Historical Review**, vol. 105, n. 1, pp. 1-35, Feb. 2000.
- \_\_\_\_\_. Jornalismo: Toda notícia que couber, a gente publica. In: **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.
- HJARVARD, Stig. Mídiação: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, ano 5, n. 2, p. 53-91, 2012.
- IANNI, Octávio. O príncipe eletrônico. **Perspectivas**, vol. 22, p. 11-29, 1999.
- KELLNER, Douglas. Guerras entre teorias e estudos culturais. In: **As culturas da mídia**. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. São Paulo: Edusc, 2001.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. **Notícia de um Sequestro**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- MACQUAIL, Denis. The Rise of Mass Media. In: **Mass Communication Theory**. London: Sage, 2010.

PINTO, Álvaro V. Ingenuidade sobre a função da imprensa e a velocidade da comunicação. In: **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro, Contraponto: 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2010